

«O Sínodo pan-ortodoxo não será como o Vaticano II, mas há um grande desejo de unidade»

Ioanniz Zizioulas. Teólogo e metropolita.



**decide-se o futuro
do Concílio pan-ortodoxo**

A reunião será amanhã [21 de janeiro], em Chambésy, Suíça. Durante a *semana de oração pela unidade dos cristãos*, os primazes das Igrejas ortodoxas autocéfalas reunir-se-ão no Centro do Lago de Genebra, posto de vanguarda suíça do Patriarcado ecuménico de Constantinopla, para decidir se o Santo e Grande Concílio da Ortodoxia se realizará verdadeiramente ou não, se começará no próximo dia 19 de julho e se a inédita reunião global da cristandade ortodoxa se realizará em Istambul, na sede Patriarcal do Chifre de Ouro, ou se precisará mudar de sede para não criar problemas para os representantes do Patriarcado de Moscovo, hóspedes não tão bem-vindos na Turquia de Erdogan, após o reventar das tensões com a Rússia.

A reportagem é de GIANNI VALENTE, publicada por Vatican Insider, 20-01-2016.

A “sinaxis” ortodoxa de Chambésy representa uma passagem delicada no caminho da Ortodoxia. Finalmente, todos os Primazes confirmaram a sua presença, menos os de Antioquia e da Polónia (por motivos de saúde), e o arcebispo Hyeronimos II de Atenas, por “razões pessoais” (que podem estar relacionadas com os recentes desencontros com o Patriarcado de Constantinopla). No entanto, as suas Igrejas estarão representadas pelos delegados autorizados.



O Grande Concílio ortodoxo está a ser pensado há décadas, e com um prurido profético o Patriarcado de Constantinopla acelerou a sua convocação para enfrentar os problemas que atingem os ortodoxos no mundo presente. Segundo o Metropolita de Pérgamo, Ioannis Zizioulas (foto ao lado), considerado por muitos o maior teólogo cristão vivo,

toda a Ortodoxia corre o perigo da “introversão” e precisa de uma experiência sinodal de amplo alcance, caso não queira acabar encerrada nos guetos da própria automarginalização. Contudo, na medida em que se vai aproximando o grande evento eclesial, também se vão multiplicando os sinais de desgosto e de incerteza sobre o seu alcance real, e sobre a necessidade de que seja realizado.

A fase instrutora do Concílio, manifestou o Metropolita Russo Hilarion de Volokolamsk, presidente do departamento de relações exteriores do Patriarcado de Moscovo, avança com lentidão: dos oito documentos preparatórios para o encontro, só foi alcançado o consenso unânime exigido para três deles, ao passo que o documento sobre a delicada questão da autocefalia, no momento, foi

retirado da agenda de trabalho. Assim como também não se chegou a um acordo a respeito dos procedimentos que os trabalhos da assembleia terão, e recentemente certos atritos complicaram as relações entre as Igrejas ortodoxas grega e búlgara e o Patriarcado ecuménico de Constantinopla. Há poucos dias, precisamente o Patriarcado ortodoxo da Bulgária levantou a possibilidade de não participar do encontro em Chambésy, indicando que um dos motivos desta decisão seria a eventual presença do Primaz ortodoxo das Terras Checas e da Eslováquia, que não é reconhecido como tal pelas outras Igrejas ortodoxas.

A frágil consistência organizativa do Concílio pan-ortodoxo, que está a ser preparado, leva-o a sofrer pressões de todas as dimensões, alimentadas pelos tradicionais desencontros nas relações entre as Igrejas da Ortodoxia. Ao mesmo tempo, os organizadores mais atentos estão convencidos de que nenhuma destas Igrejas assumirá a responsabilidade de sabotar um encontro tão esperado, há muitíssimo tempo, por um simples ajuste de contas ou para entorpecer ainda mais o papel de *primus inter pares* que o Patriarca ecuménico Bartolomeu exerce. As dificuldades podem acarretar atrasos ou mudança da sede do Grande Concílio, que pode ser transferido para Patmos, Salónica ou para o próprio centro ortodoxo de Chambésy. O Grande Concílio talvez devesse reconsiderar as suas pretensões e limitar os seus objetivos a algumas declarações de consenso sobre poucos pontos (e, neste sentido, qualquer comparação com o Concílio Vaticano II seria imprópria). Porém, neste momento, parece improvável o naufrágio absoluto da grande iniciativa sinodal ortodoxa. A seu modo, com o seu estilo litigante, os chefes das Igrejas ortodoxas procurarão oferecer uma prova concreta da comunhão de fé e doutrina que os unem há 2.000 anos, apesar de alguma suspensão temporal das relações bilaterais e dos conflitos “jurisdicionais”.

Os que seguramente esperam que o Santo e Grande Concílio ortodoxo tenha um resultado digno e exitoso são a Santa Sé e o Bispo de Roma, Patriarca do Ocidente. A Igreja de Roma segue e acompanha com amizade e espírito de fraternidade o processo no qual as Igrejas irmãs ortodoxas estão envolvidas. E o Papa Francisco continua tecendo uma rede de relações com cada uma delas (incluindo as menores) e com seus Primazes, manifestando um enfoque absolutamente em sintonia com a eclesiologia sinodal ortodoxa. As constantes relações do Sucessor de Pedro com o “irmão Bartolomeu”, sucessor de André, continuam sendo evidentes. E também os contactos com o Patriarcado de Moscou revelam uma relação cada vez mais intensa entre a Igreja de Roma e a maior das Igrejas ortodoxas, que vai para além das convenções da etiqueta “ecumenista” (e não se deve esquecer a simpatia que “o czar” Putin manifestou pelo Papa Francisco). Em 2015, o Metropolita Hilarion, “número dois” do Patriarcado moscovita, esteve quatro vezes em Roma e em duas oportunidades reuniu-se com o Papa Francisco em longas audiências privadas. Em Abril do ano

passado, o próprio Patriarca Cirilo elogiou a visão da Santa Sé a respeito do conflito na Ucrânia, reconhecendo que o “Papa Francisco e a Secretaria de Estado tomaram uma posição autorizada sobre a situação na Ucrânia, evitando afirmações unilaterais e invocando o fim da guerra fratricida”. A Igreja de Roma, por sua parte, não se aproveita do dualismo crónico entre o Patriarcado de Moscou e a “Igreja mãe” de Constantinopla. Neste aspeto, também funciona a atitude de Roma ao favorecer a unidade entre os irmãos ortodoxos. Além disso, o Papa Francisco demonstra que não quer reduzir as relações com a Ortodoxia a gestos de atenção e sintonia dirigidos somente aos Patriarcas Cirilo e Bartolomeu. Também aumentaram as relações fraternas com o Patriarca romeno Daniel; ao mesmo tempo em que o Patriarca sérvio, Ireney, ficou favoravelmente surpreendido com a decisão do Papa em criar um grupo misto de trabalho, encarregado de estudar a história das relações entre croatas e sérvios durante a Segunda Guerra Mundial, e pelo papel que o cardeal croata Aloisiye Stepinac desempenhou, neste contexto. Há quase um ano, o mesmo Patriarca Ireney expressou, numa carta ao Papa, as suas reservas diante da possível canonização do já beato Stepinac. A tarefa da comissão de estudo, com o apoio pessoal do Papa (como recordou o dominicano Hyacinthe Destivelle, responsável pelas relações com os ortodoxos eslavos no Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos), não foi a de “interferir num processo de canonização, que é uma questão interna da Igreja, mas, sim, a de favorecer a purificação da memória, algo necessário para a reconciliação entre as Igrejas e entre os povos”. Graças a um processo semelhante de reinterpretação comum da história, apontou Destivelle, foi possível cancelar as recíprocas excomunhões de 1054 entre a Igreja de Roma e a de Constantinopla, a partir de um ato conjunto do beato Papa Paulo VI e do Patriarca ecuménico Atenágoras, no dia 7 de Dezembro de 1965. No último dia 16 de Janeiro, uma delegação da Igreja sérvia ortodoxa viajou até Roma para apresentar algumas propostas relacionadas à futura composição do grupo misto de trabalho. Também fazia parte da delegação o professor Darko Tanaskovic, conceituado estudioso e, até 2007, inesquecível embaixador da Sérvia perante a Santa Sé.

Deste modo, o Papa Francisco também se expõe ao perigo das incompreensões de alguns sectores da Europa oriental ao sugerir às Igrejas ortodoxas o que o Concílio Vaticano II já havia manifestado e que o próprio Bispo de Roma repetiu na última carta enviada ao Patriarca ecuménico Bartolomeu, por ocasião da última festa patronal de Santo André: é preciso tomar nota e manifestar juntamente com todas as Igrejas da Ortodoxia que entre os católicos e os ortodoxos “já não há nenhum obstáculo para a comunhão eucarística que não possa ser superado mediante a oração, a purificação dos corações, o diálogo e a afirmação da verdade”.

Sinfonia ortodoxa

O Sínodo pan-ortodoxo, é realmente um evento de grande importância histórica: há mais de 12 séculos, que as Igrejas do Oriente não se encontravam em Concílio. Ele será realizado em 2016, em Istambul, e é um sinal da necessidade de unidade dos cristãos e da primavera eclesial que estamos a viver. O governo turco permitiu que a primeira sessão ocorra na mais antiga igreja de Constantinopla, Santa Irene: foi lá que, em 381, se realizou o Concílio de Constantinopla, o Ecuménico II.

*Esta reflexão é do monge e teólogo italiano ENZO BIANCHI, prior e fundador da Comunidade de Bose, em artigo publicado no jornal **Avvenire**, 09-04-2014.*

DEFINIR COMO "HISTÓRICA" A DECISÃO TOMADA EM ISTAMBUL no mês passado pelos patriarcas e arcebispos das Igrejas ortodoxas autocéfalas não é ênfase retórica: desde o segundo Concílio de Niceia (787 d.C.), passaram-se mais de 12 séculos sem que as várias Igrejas do Oriente se reencontrassem em concílio para refletir e deliberar em conjunto sobre como realizar no mundo contemporâneo o anúncio e o testemunho dados ao eterno Evangelho de Jesus Cristo.

Não só isso: é desde o início dos anos 1970 que, por solicitação do então Patriarca Ecuménico Atenágoras I, se iniciaram os trabalhos "preparatórios" daquele Sínodo pan-ortodoxo que só agora finalmente tem uma data (o ano de 2016) e um lugar (Constantinopla – Istambul) de celebração e um caminho de preparação imediata definido por etapas definitivas e aproximadas.

Nos últimos 50 anos, muitas coisas mudaram na sociedade, mesmo naquelas nações onde, historicamente, a fé cristã era vivida, celebrada e transmitida segundo a grande tradição oriental: o colapso do comunismo e a recém-encontrada liberdade de confessar a própria pertença a Cristo e à Igreja, mas também a dilatação do fenómeno migratório. E algumas dessas mudanças também acentuaram novidades no âmbito eclesial: o confronto com outras confissões cristãs, a recaída universal do caminho empreendido pela Igreja Católica com o Concílio, o fim da cristandade com a conseqüente mudança de modalidade de relação com a sociedade civil, o encontro quotidiano com crentes de outras religiões, com formas não comunitárias de religiosidade, com uma secularização cada vez mais difundida...

As Igrejas ortodoxas, não tendo um centro unitário de autoridade como a Igreja de Roma com o Papa, tiveram que se esforçar para encontrar um acordo sinfónico: temeu-se até que – dado o surgimento de novas tensões ou o refortalecimento de antigas divergências – o Sínodo teria que passar por adiamentos perenes, senão até ver cancelada a sua própria celebração.

Além disso, as Igrejas cristãs – e muitas das ortodoxas em particular – estão a passar por uma fase de fraqueza, de minoria dentro dos Estados e das sociedades em que vivem: basta pensar na situação dramática dos cristãos no Oriente Médio. Mas, paradoxalmente, justamente essa fraqueza tem contribuído para o "milagre" do anúncio do Sínodo de 2016: os cristãos sentem que precisam reencontrar a unidade, intensificar a comunhão, sem a qual o futuro da sua presença em certas áreas do globo se torna precário.

Eu tive o dom de acompanhar, de modo particular e atento, o fatigante itinerário desse projeto sinodal, conheci de perto a ânsia pastoral e a solicitude pelas Igrejas que Bartolomeu I anima: de modo convicto, ele esforçou-se para que o Sínodo fosse celebrado, apesar de

todas as dificuldades, até mesmo inesperadas, imprevistas. Eu era o seu hóspede quando lhe chegou a notícia de que o governo turco permitiria que a primeira sessão sinodal fosse realizada na mais antiga igreja de Constantinopla – a Igreja de Santa Irene, a "Santa Paz" – lá onde, em 381, foi realizado o I Concílio de Constantinopla, o II Ecuménico: o Patriarca estava radiante, comovido, e juntos agradecemos ao Senhor.

Por isso, é lícito esperar sinais de esperança tanto desses dois anos de preparação final, quanto da cúpula que será realizada sob a presidência do patriarca ecuménico. Acima de tudo, um processo de confirmação da fé e, ao mesmo tempo, de renovação das modalidades para a testemunhar neste mundo secularizado em que os cristãos se tornaram uma minoria.

Um esforço de certa forma análogo ao realizado pela Igreja Católica com o Concílio Vaticano II, mas que, naturalmente, poderá levar mais em conta fenómenos culturais e sociológicos que surgiram com mais intensidade nos últimos 50 anos: pense-se, por exemplo, na temática ecológica com a qual há tempo o Patriarcado Ecuménico se comprometeu, nos efeitos da globalização e da interconexão de problemáticas como a migração ou a justiça social.

Um segundo desafio será o de encontrar caminhos de comunhão: na riquíssima sinfonia da autonomia das Igrejas, todas igualitárias e cada uma reunida em torno de um patriarca com o próprio sínodo, as Igrejas ortodoxas precisam encontrar caminhos de comunhão para além das fronteiras nacionais ou regionais.

Não se trata de renunciar a uma fecunda valorização de elementos e tradições "locais", nem de constituir uma espécie de "federação" com os seus delegados, porta-vozes ou representantes unitários, mas sim de viver concretamente a concórdia entre local e universal, entre um e muitos, entre atenção e respeito pelo particular e capacidade de "pensar grande" e de respirar a plenos pulmões.

Nisso, o Sínodo poderia ser – como foi o Vaticano II – um evento abençoado também para as outras Igrejas, começando pela católica. Se a ortodoxia sempre afirmou a sinodalidade, no Ocidente afirmamos sobretudo o primado. Um Sínodo pan-ortodoxo, presidido pelo *primus inter pares*, poderia favorecer, em âmbito católico, a reflexão sobre o facto de que o primado sofre ao ser exercido sem sinodalidade e, em âmbito ortodoxo, a consciência de que uma sinodalidade sem um *primus* que anime a comunhão e desempenhe concretamente o ministério da unidade corre o risco de paralisia. Certamente, o caminho continua a ser difícil, sujeito a trechos tortuosos e a tentações recorrentes: pense-se que os apóstolos já discutiam sobre "quem dentre eles era o primeiro"...

No entanto, resta a convicção de que a fixação da data do Sínodo pan-ortodoxo é mais um sinal da nova primavera eclesial que estamos a viver. A minha geração viveu a primavera do início dos anos 1960 com o Concílio e o Papa João XXIII, mas também experimentou que, na história, frequentemente, essas primaveras são interrompidas por geadas repentinas.

Hoje algo novo, mas também antigo está a florescer: o frescor do Evangelho. Os nossos irmãos e irmãs em humanidade olham de novo para Jesus Cristo e para as Igrejas que O anunciam e O testemunham, porque sentem a necessidade de sentido, porque a sua vida anseia por ser salva, porque esperam experimentar palavras e gestos de misericórdia.

Verdadeiramente, vivemos um tempo favorável para a Igreja e para o Evangelho. Além disso, a Igreja sempre viverá uma época favorável quando aceitar voltar para o seu Senhor, quando renunciar a curvar-se sobre si mesma, quando não se endurecer na defesa de privilégios, quando se encontrar sendo pobre, em minoria, e assumir essa fraqueza como seguimento de Cristo pobre e nu. Talvez justamente essa condição de pobreza e de serviço seja a grande oportunidade de anúncio crível do Evangelho.

12 fevereiro 2016.
CUBA. ENCONTRO
HISTÓRICO DO PAPA
FRANCISCO COM O
PATRIARCA CIRILO.



1054 | 1965 | 2016

Política e religião, razões de um cisma de mil anos

Foram razões políticas que levaram à excomunhão mútua entre os cristãos do Ocidente e do Oriente, em 1054, mesmo se havia já divergências teológicas importantes. Depois, o modo de entender a fé cavou mais fundo a separação. Hoje, a política e os modos de entender a fé cristã aproximam os dois grandes ramos do cristianismo, mesmo se subsistem importantes factores de divisão em ambos os campos.

Durante os primeiros séculos, o cristianismo dos dois lados da Europa foi seguindo modos diferentes de se entender a si mesmo e de compreender a presença cristã na sociedade política. Mas a primeira grande divergência aparece ainda no século VIII, com a crise iconoclasta, a querela relativa às imagens. Nela **“intervieram a teologia, a disciplina e a polícia”**, como recorda o teólogo alemão Hans Küng, na sua monumental obra **“O CRISTIANISMO. ESSÊNCIA E HISTÓRIA”** (ed. Círculo de Leitores/Temas e Debates).

Em 725 e 726, o imperador Leão III, de Bizâncio, fez vários discursos apoiando um movimento que pretendia a destruição das imagens, com isso agravando as discussões já existentes. E mandou mesmo destruir uma imagem de Cristo na porta do seu palácio, muito venerada pela população.

A questão teve sucessivos episódios nos séculos seguintes, agravando o fosso entre as duas metades da Europa. A liturgia foi também seguindo caminhos diferentes. No século XI, as questões políticas – com Roma e Constantinopla a discutir sobre quem tinha a herança do Império Romano – deram um carácter definitivo à separação, com a excomunhão mútua do enviado do Papa a Constantinopla, o cardeal Humberto Candida, e do patriarca Miguel Cerulário.

“O ponto mais baixo das relações mútuas” ainda estaria para vir, com as cruzadas, como nota Küng. Massacres de latinos às mãos dos bizantinos, o cerco e saque de Constantinopla às mãos dos cruzados e a imposição da hierarquia latina à Igreja oriental durante meio século foram factores a agravar o cisma – e permanecem no inconsciente colectivo de muitos cristãos ortodoxos como uma ferida aberta.

As divergências teológicas que vinham de trás aprofundaram-se a partir daí: os cristãos orientais admitem os ícones mas não as imagens em escultura, as liturgias tornam-se cada vez mais distintas, a organização da Igreja torna-se mais sinodal e autônoma no Oriente, e mais centralizada na figura do Papa, no Ocidente latino – o reverso desta medalha é que, no Oriente, cada Igreja, não dependente de um poder religioso centralizado, pode ficar mais dependente do poder político do momento.

Surge também uma profunda divergência teológica: para o cristianismo latino do Ocidente, o Espírito Santo procede de Deus Pai e de Jesus Cristo; para o cristianismo oriental ortodoxo, ele procede apenas de Deus Pai.

Hoje, o papel do Papa é ainda motivo de divergência e as diferenças teológicas permanecem, mas já não têm o peso de outrora. Os papas João Paulo II e Francisco admitiram rever o lugar do bispo de Roma, como passo para uma Igreja que alie a unidade e uma maior autonomia das igrejas locais. A excomunhão mútua foi retirada em 1964, a aproximação pessoal, institucional e teológica é cada vez maior. A política veio de novo baralhar a questão, em questões como a reivindicação, por parte dos católicos orientais, dos bens que o regime comunista lhes tirou para entregar à Igreja Ortodoxa; ou com a maior complacência da Igreja Ortodoxa russa para com situações como a invasão russa da Ucrânia.

O encontro de ontem, em Havana, é um passo de gigante para aplanar um milênio de zangas.

Antônio Marujo, *Blog Relião Online*, 13-02-2016.

A íntegra da declaração comum assinada por **Papa Francisco** e o **Patriarca Cirilo**, em Havana, no dia 12-02-2016: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/february/documents/papa-francesco_20160212_dichiarazione-comune-kirill.html

PALAVRAS DO PAPA FRANCISCO APÓS A ASSINATURA DA DECLARAÇÃO COMUM COM O PATRIARCA CIRILO

Santidade, Eminências, Reverências,

Falamos como irmãos, temos o mesmo Batismo, somos bispos. Falamos das nossas Igrejas e estamos de acordo que a unidade se faz caminhando. Falamos claramente, sem meias-palavras, e confesso-vos que senti a consolação do Espírito neste diálogo. Agradeço a humildade de Sua Santidade, humildade fraterna e os seus bons desejos de unidade.

Partimos com uma série de iniciativas que penso serem viáveis e poderão realizar-se. Por isso, quero mais uma vez agradecer a Sua Santidade seu acolhimento benévolo, bem como aos colaboradores, nomeadamente, Sua Eminência o Metropolita Hilarión e Sua Eminência o Cardeal Koch, com todas respetivas equipas, que trabalharam para isto.

Não quero ir-me embora sem expressar um sentido agradecimento a Cuba, ao grande povo cubano e ao seu Presidente aqui presente. Agradeço-lhe a sua disponibilidade ativa. Se continuar assim, Cuba será a capital da unidade. E que tudo isto seja para a glória de Deus Pai, Filho e Espírito Santo, e para bem do santo Povo fiel de Deus, sob o manto da Santa Mãe de Deus.